

VIRGÍNIA E ADELAIDE  
roteiro de Jorge Furtado  
10/11/2023

*Diferentes linhas narrativas, diferentes cores.*

- Vermelho: ficção realista, "quarta parede" intacta, as personagens ignoram a existência da câmera. São os encontros e Virgínia e Adelaide, no consultório e na sala.

- Preto: Documentário realista, as personagens falam para quem está próximo ou ao lado da câmera, mas fora de quadro: alunos, plateia de uma palestra, ouvintes do rádio.

- Azul: depoimentos, como se fosse uma entrevista, as personagens falam para alguém ao lado da câmera. (fundo escuro.) Verde: como no teatro, foi-se a quarta parede, as personagens olham para a câmera, falam em primeira pessoa, diretamente com o espectador. Ficção não-realista, teatral, as personagens, num espaço não realista, interagem, falam uma com a outra e também com a câmera.

- Laranja: áudios de arquivo, gravações já existentes.

*Na vida real, a história se passa em São Paulo, entre 1937 e 1959.*

\*\*\*\*\*

[VERM] CENA 1 - RUAS 1 DE SÃO PAULO - 1937  
[SÃO PAULO, 1937]

SÃO PAULO, NOVENBRO DE 1937

Imagens de São Paulo, 20-40, cor  
<https://youtu.be/lqZehFAwoTM&t=18s>  
#Trilha: Gnossienne No. - Erik Satie, ao piano.

Ruas de São Paulo, muitas pessoas caminhando na calçada.

Entre elas...

VIRGÍNIA, 27 anos, chapéu, bolsa, luvas, caminha pela calçada numa rua de São Paulo. Virgínia guarda o papel na bolsa, tira as luvas e também as guarda na bolsa.

[VERM] CENA 1B - ESTÚDIO

Virgínia abre o portão, entra, fecha o portão, cruza o pequeno jardim, chega junto a porta, para.

Virgínia tira as luvas, guarda na bolsa.

Virgínia ergue a mão para tocar a campainha.

Do interior da casa, o som de um piano.

Virgínia escuta a música, abaixa a mão.

Virgínia escuta.

Virgínia tira o casaco, segura o casaco no braço, escuta.

Virgínia vê uma pequena mancha em sua blusa, perto da gola.

Ela tenta limpar raspando com a unha, não sai. Pega um lenço na bolsa, umedece a ponta do lenço na boca, passa na mancha, parece ter sumido. Virgínia guarda o lenço.

Virgínia escuta, a música segue.

Virgínia veste o casaco.

A música para. Virgínia espera, termina de vestir o casaco.

Virgínia toca a campainha.

Virgínia espera, a porta se abre.

ADELAIDE abre a porta.

ADELAIDE  
Boa tarde.

VIRGÍNIA  
Boa tarde.

ADELAIDE  
Virgínia?

VIRGÍNIA  
Doutora Adelaide...

Cumprimentam-se.

ADELAIDE  
Entre.

Virgínia entra.

[VERM] CENA 2 - SALA  
[O ENCONTRO]

Virgínia entra, tira o chapéu, pendura o chapéu e a bolsa num cabide com um espelho, olha-se no espelho, fecha o casaco, olha-se no espelho.

Adelaide fecha a porta, para de pé na frente de Virgínia.

Virgínia para de pé, no meio da sala. Há móveis cobertos por panos, caixas no canto da sala. Há uma mesa com seis cadeiras. Na mesa, há uma bandeja com uma garrafa térmica, xícaras e um bolo coberto.

VIRGÍNIA

É um grande prazer encontrar com a senhora.

ADELAIDE

Me chame de você. Não sou tão velha assim.

VIRGÍNIA

Desculpe, é que já fez tantas coisas. Temos quase a mesma idade.

ADELAIDE

Também não exagere. Sente-se, por favor.

Adelaide indica o sofá, Virgínia senta, encosta-se. Adelaide pega na poltrona um caderno, encapado em papel decorado, põe sobre a mesinha com o abajour, ao lado do óculos e de um lápis, senta na poltrona, mãos cruzadas sobre o colo.

VIRGÍNIA

Acho que errei de roupa. Este casaco é quente, pela manhã estava mais frio.

ADELAIDE

Quer tirar o casaco?

VIRGÍNIA

Não, obrigada.

Virgínia olha para as caixas.

ADELAIDE

Desculpe a desordem, nos mudamos há poucos dias.

Pausa. Na sala, há um piano. Virgínia afasta-se do encosto, senta-se na beira do assento.

VIRGÍNIA

Claro. Doutora Adelaide, eu não quero tomar muito o seu tempo, não sei o que o doutor Marcondes lhe adiantou ao meu respeito.

ADELAIDE

Muito pouco, de fato. Me disse que você trabalhava com ele, como pesquisadora, uma jovem brilhante, e queria me conhecer.

VIRGÍNIA

Agradeço a gentileza, a dele e a sua. Talvez nem tão jovem e certamente não tão brilhante. Estou aprendendo.

ADELAIDE

Você estuda? É estudante?

VIRGÍNIA

Na Faculdade de Sociologia e Política, estou no último ano. Estou trabalhando na minha tese de mestrado.

ADELAIDE

E qual é o assunto? O tema?

VIRGÍNIA

O preconceito de cor no Brasil.

ADELAIDE

Sim. E trabalha?

VIRGÍNIA

Na Secção de Higiene Mental Escolar, do Departamento de Educação, coordenado pelo doutor Marcondes.

ADELAIDE

Higiene mental escolar. Nas escolas. É professora?

VIRGÍNIA

Sim. Fiz curso normal, para ser professora, mas tenho formação em saúde pública, trabalho há alguns anos numa equipe multidisciplinar, atendendo populações carentes, nas periferias de São Paulo...

Com um gesto, Adelaide pede que Virgínia vá com calma.

ADELAIDE

Desculpe, mas você poderia falar um pouco mais devagar? Há detalhes do português que eu ainda não domino inteiramente.

VIRGÍNIA

Eu é que peço desculpas, é claro.

Virgínia encosta-se, afunda do sofá, ergue-se, pega uma almofada, põe sob as costas, encosta-se.

ADELAIDE

Já estou aqui há mais de um ano, meu português deveria estar melhor. Dizia que trabalhava com populações... carentes?

VIRGÍNIA  
Necessitados. Pobres.

ADELAIDE  
Bedürftig. Carentes. Caritas.

Adelaide pega o caderno, o lápis, anota. Larga o caderno.

ADELAIDE Desculpe. Certo. E que trabalha em Saúde Pública?

VIRGÍNIA  
Sim, atendimento domiciliar. Ensinamos noções de higiene, da importância das vacinas, fazemos pesquisas...

ADELAIDE  
É médica?

VIRGÍNIA  
Não. Fiz um curso técnico, antes da faculdade de sociologia e política. Pensava em ser médica, se fosse possível.

ADELAIDE  
E por que não seria possível?

VIRGÍNIA  
Os médicos negros são raros no Brasil, muito raros em São Paulo. Médicas negras, quase não existem.

ADELAIDE  
Eu não sabia. Que triste. Mas não é uma lei, eu espero?

VIRGÍNIA  
Uma lei não escrita.

ADELAIDE  
Entendo.

Pausa.

ADELAIDE  
E você me procurou...

Virgínia recosta-se, pousa a cabeça no encosto do sofá.

VIRGÍNIA  
Eu tinha... tenho, sempre tive, um conflito, muito grande.

ADELAIDE  
De que espécie?

VIRGÍNIA  
Desde criança eu senti muito preconceito de cor.  
Pela minha cor. Entendeu?

ADELAIDE  
Sim.

VIRGÍNIA  
Eu fui estudar sociologia, política, pensava  
entender o racismo... pelo lado de fora. Isso, até  
ouvir sua palestra.

ADELAIDE  
E o que foi que eu disse que a fez mudar seus  
planos?

Virgínia senta na beira do assento.

VIRGÍNIA  
Doutora Adelaide, o preconceito, ele não é contra  
alguém totalmente diferente de nós, é contra um  
semelhante, contra um "quase nós", com alguma  
diferença que ameaça a nossa identidade.

ADELAIDE  
Você leu Freud.

VIRGÍNIA  
Um pouco, no segundo ano do curso, psicologia  
social. O "narcisismo das pequenas diferenças".

ADELAIDE  
Quando Freud escreveu isso, ele estava se  
referindo...

VIRGÍNIA  
Escreveu.

ADELAIDE  
Obrigada. Escreveu isso... falava do antissemitismo,  
na Alemanha.

VIRGÍNIA  
Os racismos se parecem, mas não são iguais.

ADELAIDE  
Sim. Por favor, continue.

VIRGÍNIA

Eu procurei saber onde, como poderia estudar psicanálise, o doutor Marcondes me deu o seu contato.

ADELAIDE  
E o seu interesse é...

VIRGÍNIA  
Eu não posso entender o racismo na sociedade, nos outros, se não compreender o que ele causou em mim. Eu quero fazer análise.

Pausa.

ADELAIDE  
Virgínia, esta não é uma consulta, é um encontro com a amiga de um amigo, de modo que eu me sinto confortável para lhe perguntar: você gostaria de uma xícara de chá? Um café? Eu vou tomar um café.

Levantam. Adelaide vai até a mesa, Virgínia a segue.

VIRGÍNIA  
Obrigada, um café.

Adelaide e Virgínia se aproximam da mesa.

ADELAIDE  
Eu tenho também um bolo de milho.

Adelaide tira o protetor do bolo, pega a faca, corta uma fatia de bolo, põe num pratinho.

ADELAIDE  
Eu gosto de muitas coisas no Brasil, a música, a natureza, as águas, mas, talvez, minha preferida, seja o bolo de milho.

Adelaide corta outra fatia de bolo, põe num pratinho.

ADELAIDE  
Eu vou comer um pedaço só, já me disseram que engorda e eu já comprovei que é verdade.

VIRGÍNIA  
Um pedacinho, aceito.

Adelaide serve o café, em duas xícaras.

ADELAIDE  
Toma com açúcar?

VIRGÍNIA

Não, obrigado.

ADELAIDE

Virgínia, eu temo que... Se diz "eu temo que", Ich fürchte, eu tenho medo, no sentido de "eu sinto muito..."? I'm sorry?

Adelaide entrega a Virgínia o prato com o bolo, o café.

VIRGÍNIA

Sim, eu temo, eu sinto muito.

Adelaide senta-se numa das cadeiras da mesa.

ADELAIDE

Pois então... Eu temo que não sou... que não seja capaz de lhe ajudar. Que não posso lhe ajudar. Não posso ajudar.

Virgínia espera um pouco para sentar-se ao lado de Adelaide.

VIRGÍNIA

Que pena. Era o que eu... temia. Eu imagino que a sua agenda...

Virgínia come bolo.

ADELAIDE

Não, não, eu tenho tempo livre. Eu não posso lhe ajudar, por dois motivos. O primeiro é que, a princípio, não me parece que o seu caso seja indicado para análise.

Adelaide toma um gole de café.

VIRGÍNIA

Desculpe, doutora Adelaide, mas não é uma conclusão muito rápida? Nem terminamos o café.

Virgínia toma seu café, come bolo.

ADELAIDE

Podemos terminar o café, claro, e conversar mais, e fazer mais café, comer mais uma fatia de bolo, será um prazer. Virgínia, eu sou médica, as pessoas me procuram porque estão doentes, ou acreditam estar doentes, quando elas tem algo, dentro delas, que as faz sofrer, alguma dor. Você parece ótima, perfeitamente saudável, está estudando, trabalhando, tem planos, reconhecimento profissional, amigos. Parece estar procurando a análise apenas para... embasear? Dar base?

VIRGÍNIA  
Embasar.

ADELAIDE  
Embasar, obrigada. Para embasar o seu trabalho de escola, seu mestrado. Os problemas a que você se refere são problemas do país.

Virgínia, as pessoas não me procuram para tratar o país... E eu nem poderia ajudar. Veja o que acontece hoje, no meu país! Temos nazistas no poder, você sabe.

Adelaide levanta, pega uma caixinha, abre, tem cigarro e fósforos.

ADELAIDE  
Desculpe mas... você se importa que eu fume?

VIRGÍNIA  
Não, claro que não, fique à vontade.

Adelaide acende um cigarro, se aproxima da janela, pega um cinzeiro, fuma. Virgínia levanta, se aproxima de Adelaide

VIRGÍNIA  
Doutora Adelaide, o meu pai, Theofilo, era filho de uma mulher alforriada.

ADELAIDE  
Alforriada.

VIRGÍNIA  
Liberta. Era escravizada, deixou de ser, meu pai trabalhou para comprar a liberdade da mãe.

ADELAIDE  
Entendi, obrigada.

VIRGÍNIA  
Ele me deu o nome dela, Virgínia. A minha mãe é imigrante italiana, branca. Eu só saí de casa para ir para a escola, com sete anos, e no primeiro dia a criançada começou: negrinha, negrinha.

ADELAIDE  
É pejorativo. Uma ofensa.

VIRGÍNIA  
Sim, muito. Eu levei um susto, eu nunca tinha ouvido nada parecido, eles batiam palmas e gritavam: negrinha, negrinha, negrinha.

Pausa. Adelaide termina o cigarro, apaga no cinzeiro, caminha até sua poltrona.

ADELAIDE

E como você reagiu?

VIRGÍNIA

Eu me fechei em casa, me voltei para dentro, foi um susto. Eu me isolei, me atirei aos livros, me tornei a melhor aluna da escola.

Adelaide senta em sua poltrona.

VIRGÍNIA

Ser negrinha, e com nota boa. Passei em todos os exames que fiz, sou a única mulher, a única pessoa negra, entre os formandos na minha turma da faculdade. Eu tive ótimos professores, estudei muito, acho que entendo um pouco a crueldade social, o crime político do racismo, mas aquele susto, aquelas palmas, aqueles gritos, ainda ressoam, em algum lugar.

Virgínia recosta-se no sofá, tira a almofada das costas, põe a almofada no colo.

ADELAIDE

Eu entendo o seu sofrimento, acredite, e talvez eu pudesse... mas mesmo assim... eu ainda não posso ajudar, pelo segundo motivo. Você diz que aquela dor está lá, em algum lugar. Para chegar lá, para chegar neste lugar, nós precisáramos...

VIRGÍNIA

Precisáramos... Ou precisaríamos, no caso.

ADELAIDE

Viu só? É disso que eu falo. Qual a diferença? Precisáramos, precisáramos, precisaríamos...

Adelaide recosta-se na poltrona.

VIRGÍNIA

Precisáramos... não existe. Precisáramos é futuro, quando acontecer. Precisaríamos é condicional, se acontecer.

ADELAIDE

Obrigada... Condicional, uma condição. Nós precisaríamos ser guiadas pelas palavras, as suas palavras, que eu preciso entender, que eu preciso sentir. Eu ainda não domino o português. Não conheço o... imaginação...

VIRGÍNIA

A imaginação.

Adelaide parece insatisfeita.

VIRGÍNIA  
O imaginário.

Adelaide senta da beira da poltrona.

ADELAIDE  
Isso. O imaginário do Brasil, para poder ajudar  
você. Meus pacientes, em Berlin, sonhavam com  
dragões, castelos, lagos gelados... Aqui, em São  
Paulo, ninguém sonha com neve, gelo, castelos e  
dragões.

VIRGÍNIA  
Temos dragões por aqui também.

Pausa.

ADELAIDE  
Estou certa que sim. Eu apenas ainda não sei os seus  
nomes.

Adelaide recosta-se.

ADELAIDE  
A imaginação é de cada um, o imaginário é coletivo,  
são coisas diferentes, palavras diferentes.

Pausa.

Virgínia tira a almofada do colo, senta na beira do sofá.

VIRGÍNIA  
Doutora Adelaide, desculpe, mas eu costumo ser  
persistente em meus objetivos. A senhora é a única  
analista do Brasil. A única da América Latina.

ADELAIDE  
Eu sei, eu sei.

VIRGÍNIA  
O seu português já me parece muito bom, e eu posso  
ajudar, sou professora. Eu falo um pouco de inglês,  
entendo bastante.

ADELAIDE  
Isso ajuda.

VIRGÍNIA

A senhora veio para o Brasil para ser analista, vai ter que começar um dia, algum paciente terá que ser o primeiro. Por que não a primeira? Por que não eu?

Adelaide pensa, sorri, senta na beira da poltrona.

ADELAIDE

Virgínia... Vamos fazer o seguinte.... Vamos marcar uma consulta. E então vemos como funciona.

Adelaide se levanta.

ADELAIDE

Se funciona.

Virgínia levanta-se.

VIRGÍNIA

Obrigada, eu fico muito feliz.

ADELAIDE

Que bom. Amanhã, mesmo horário?

VIRGÍNIA

Marcado.

Virgínia e Adelaide se cumprimentam.

[AZUL] CENA 3 - ESTÚDIO

[HISTÓRIAS FAMILIARES cenas 3 a 19]

#TRILHA (COMPOSTA)

VIRGÍNIA fala com alguém ao lado da câmera.

VIRGÍNIA

O meu nome é Virgínia. Era o nome da minha avó, a mãe de meu pai. Minha avó nunca teve um sobrenome...

[AZUL] CENA 4 - ARQUIVO

Fotos, ilustrações e filmes de arquivo: trabalhadores escravizados nas fazendas de café, final do século.

VIRGÍNIA

... ela era escravizada nas plantações de café da fazenda Mato de Dentro do Jaguari, em São Paulo.

[AZUL] CENA 5 - ESTÚDIO

ADELAIDE fala com alguém ao lado da câmera.

ADELAIDE

O meu nome é Adelaide. Era o nome de minha avó, a mãe de minha mãe. De fato, eu virei Adelaide no Brasil...

[AZUL] CENA 6 - ARQUIVO

Fotos, ilustrações e filmes de arquivo: imagens de família, Berlin, final do século.

ADELAIDE

... na Alemanha eu era Adelheid.

[AZUL] CENA 7 - ESTÚDIO

Na metade da tela, Virgínia. Na outra metade, fotos, ilustrações e filmes de arquivo.

VIRGÍNIA

A lei do Ventre Livre é de 1871, dois anos depois minha avó engravidou, ela tinha só 15 anos. Meu pai, Theóphilo, nasceu livre, ele não cansava de nos lembrar disso.

[AZUL] CENA 8 - ESTÚDIO

Adelaide.

Na outra metade, fotos de infância, família, filmes de época, fotos de Theóphilo.

ADELAIDE

Minha avó, Adelheid Lewin, se casou com Paul Mende, virou Adelheid Mende. Eles tiveram uma filha, Agnes Mende, minha mãe.

[AZUL] CENA 9 - ARQUIVO

Na metade da tela, Virgínia. Na outra metade, fotos e filmes de arquivo.

VIRGÍNIA

Meu pai nunca soube quem era o seu pai. Se soube, nunca disse a minha mãe. Ele mesmo foi ao cartório registrar seu nome, e das filhas, com o sobrenome do dono da fazenda, Coronel Bento Augusto de Almeida Bicudo, talvez fosse seu filho, ninguém sabe.

[AZUL] CENA 10 - ARQUIVO

Fotos e filmes de arquivo.

ADELAIDE

Quando minha mãe, Agnes Mende, casou com meu pai, Julius Schwalbe, ela virou Agnes Schwalbe. Eu nasci Adelheid Lucy Schwalbe, quando casei com Ernest Koch, eu me tornei Adelheid Koch.

<https://pt.forvo.com/search/Schwalbe/>

VIRGÍNIA

Theóphilo Bicudo, meu pai, cresceu como um "empregado de dentro", trabalhando na casa do patrão.

[AZUL] CENA 11 - ESTÚDIO

Adelaide.

ADELAIDE

Os homens nascem e morrem com o mesmo nome, muitas mulheres mudam seus sobrenomes. Eu mudei de nome, de sobrenome, de país, de língua, mas continuei sendo uma mulher, mãe, médica, judia.

[AZUL] CENA 12 - ESTÚDIO

Virgínia.

VIRGÍNIA

Em dezembro de 1897 chegou ao porto de Santos o navio Equità, não é bonito este nome? Equidade.

Tela divide com

[AZUL] CENA 13 - ARQUIVO

Fotos, filmes, ilustrações.

VIRGÍNIA

Esse navio trouxe centenas de imigrantes italianos, eles vinham da Catânia, na Sicília.

Eles fugiram da miséria e da fome na Itália para trabalhar nas plantações de café no Brasil. Entre eles estavam Pietro e Agripina

Leone, meus avós, e seus quatro filhos. A filha mais velha de Pietro e Agripina era minha mãe.

[AZUL] CENA 14 - ESTÚDIO

Adelaide.

ADELAIDE

Chegamos no Brasil dia 14 de novembro de 1936, eu lembro porque o dia seguinte foi feriado, pessoas marchando com bandeiras na rua, como na Alemanha. Nos papéis de imigração, escreveram que minha profissão era "doméstica". Eu não sei se eu teria dito que era médica, se alguém tivesse me perguntado. Ninguém me perguntou.

[AZUL] CENA 15 - ESTÚDIO

Virgínia.

VIRGÍNIA

Meus avós foram trabalhar na casa da fazenda, minha mãe era a babá da filha dos patrões. Foi lá que ela conheceu meu pai.

[AZUL] CENA 16 - ARQUIVO

Fotos, filmes, ilustrações.

ADELAIDE

Meu pai, Julius, era médico, minha mãe, Agnes, é doméstica. Nasci em 1896, em Berlin, cresci, estudei medicina, me formei, casei em Berlin. Meu marido tem uma editora. Eu tive minhas duas filhas em Berlin.

[AZUL] CENA 17 - ARQUIVO

Fotos, filmes, ilustrações.

VIRGÍNIA

Theóphilo e Giovana se apaixonaram, casaram. Mudaram-se para São Paulo, foram morar no Bairro da Luz, na Vila Economizadora, casa 14, onde eu nasci, em 21 de novembro de 1910.

[AZUL] CENA 18 - ARQUIVO

Fotos, filmes, ilustrações.

ADELAIDE

Temos.... Tínhamos... uma linda casa, amigos, vizinhos, meu trabalho, muitos pacientes. Íamos ao teatro pelo menos uma vez por semana, concertos, ópera, exposições. O escritor Thomas Mann frequentava nossa casa, é amigo da família.

[VERD] CENA 19 - ESTÚDIO

Virgínia.

VIRGÍNIA

Desde criança eu gostei de dançar. Meu pai tinha uma vitrola... Eu e as minhas irmãs ficávamos dançando na sala, de meias, para não marcar o assoalho.

#Trilha: Corta-Jaca, de Chiquinha Gonzaga

<https://youtu.be/q2DUzJxUbYc&t=56s>

[VERD] CENA 20 - ESTÚDIO

[RACISMOS cenas 20 a 26 / 28 a 30]

Adelaide.

ADELAIDE

Perto da nossa casa, em Berlin, havia uma livraria, pertencia a um amigo de meu pai, judeu como nós, foi incendiada. O amigo de meu pai desapareceu. Os médicos judeus, meu pai, eu, fomos proibidos de trabalhar, simplesmente. Os judeus não podem namorar nem casar com não judeus, para não gerar crianças "mestiças", que minam a pureza da raça alemã. Isso já faz três anos. Não sei quando vai terminar, se vai terminar.

[VERD] CENA 21 - ESTÚDIO

Tecido, arte africana, padrões com fractais Virgínia fala para a câmera.

Tela divide com

[VERD] CENA 22 - ARQUIVO

Fotos, filmes, ilustrações.

VIRGÍNIA

A escravidão foi legal no Brasil por quase quatro séculos.

[VERD] CENA 23 - ESTÚDIO

Várias estrelas costuradas, pintadas à mão, montagem Adelaide fala para a câmera.

Tela divide com

[VERD] CENA 24 - ARQUIVO

Fotos, filmes, ilustrações.

ADELAIDE

Minha filha voltou da escola chorando, foi chamada de "judia suja", me perguntou o que era "hure". "Hure" é "prostituta". Eu disse que era "ácida", "Sauren", ela não entendeu porque alguém a chamaria assim, ácida. Ela viu amigas marcadas com uma estrela em seus uniformes escolares. Colegas de escola, vizinhos, um primo, foram e enviados para Dachau. Minhas filhas tiveram que trocar de escola.

[VERD] CENA 25 - ESTÚDIO

VIRGÍNIA

Meu pai sempre sonhou ser médico, sua média escolar era muito alta, não existia vestibular, ele podia entrar direto na faculdade de medicina, mas nunca conseguiu. Ele tentou por dez anos, ouviu sempre a mesma resposta: "Preto não pode ser médico".

[VERD] CENA 26 - ESTÚDIO

Várias estrelas costuradas, pintadas à mão, montagem

ADELAIDE

Na Alemanha nazista ser judeu tornou-se um crime, ser uma mulher, psicanalista, judia, um crime grave, punido com a morte. Num único dia, num único campo, o de Buchenwald, chegaram mais de dez mil judeus. Eles foram recebidos com um alto-falante que dizia: "Ao judeu que queira enforcar-se roga-se que tenha a bondade de colocar um pedaço de papel com o nome em sua boca, a fim de que possamos saber de quem se trata". Assim mesmo, "sei freundlich", roga-se que seja gentil, que tenha a bondade...

<https://pt.forvo.com/search/Hure/de/>

<https://pt.forvo.com/search/Sauren/>

[VERM] CENA 27 - SALA  
[GNOSSIENNE]

Adelaide prepara a mesa para receber Virgínia: o bolo no prato, a cúpula de proteção com desenhos bordados, as xícaras, os talheres, guardanapos.

Adelaide escuta GnoSSIenne no toca discos e tenta acompanhar no piano.

[VERD] CENA 28 - ESTÚDIO

Fundo escuro, filmes da Noite do Cristais refletido nos olhos.

ADELAIDE  
Mesmo assim resistimos, ficamos lá. (pausa) Até o dia em que os nazistas invadiram os meus sonhos. Então vi que era hora de fugir. (olha para a câmera no final do texto)

[VERD] CENA 29 - ESTÚDIO

Fundo escuro

VIRGÍNIA  
Meu pai fez um concurso público, ficou entre os primeiros colocados, foi trabalhar nos Correios e Telégrafos, trabalhou lá a vida inteira.

[VERD] CENA 30 - ESTÚDIO

Fundo escuro, olha para a câmera. Luz responsiva do filme sobre o rosto.

ADELAIDE  
Eu poderia ficar na Alemanha, lutar e morrer, mas tinha filhas pequenas. Deixamos para trás nossos avós, irmãos, amigos, nossa casa. Cada um sabe a hora de lutar ou de correr. Continuamos vivos. Não morremos.

[VERM] CENA 31 - SALA

# Trilha [Chequerê] A rádio toca "Chequerê", de Sinhô.

RÁDIO (cantora)  
Não calculas como sofre O meu pobre coração!  
Por faltar o teu carinho Junto de meu violão!  
E assim é tudo, enfim Meu doce chequerê!  
Mas, eu não me conformo Viver longe de você!

# Adelaide, ao piano, acompanha a melodia.

[VERD] CENA 32 - ESTÚDIO

Virgínia fala para a câmara.

VIRGÍNIA  
Theóphilo e Giovana tiveram cinco filhos. Eu sou a segunda. Sou Escorpião, do último dia, quase Sagitário. Pelo que dizem, faz sentido, embora eu não acredite em astrologia. Acredito na ciência. E o meu destino quem faz sou eu.

[VERD] CENA 33 - ARQUIVO

Eliminada.

[VERM] CENA 34 - CONSULTÓRIO  
[PRIMEIRA SESSÃO]

Virgínia entra carregando sua bolsa.

Virgínia senta, coloca a bolsa ao seu lado, na cadeira.

Adelaide fecha a porta do consultório. (3x) Virgínia e Adelaide no consultório, nas poltronas, frente a frente.

ADELAIDE  
Antes de começarmos, temos que falar do valor do tratamento.

VIRGÍNIA  
O valor?

ADELAIDE  
O valor. O preço.

VIRGÍNIA  
Ah, sim, o preço.

ADELAIDE  
São coisas diferentes? Em português? Valor, preço?

VIRGÍNIA  
São, podem ser. Valor pode ser muitas coisas, a importância.

ADELAIDE  
Wert.

VIRGÍNIA  
O preço é diretamente ligado ao dinheiro, ao pagamento.

ADELAIDE  
Preis.

VIRGÍNIA  
Claro, temos que falar do valor. Do preço.

ADELAIDE  
Você será minha primeira paciente, em português, mas o meu trabalho é o mesmo, talvez até maior. A psicoterapia, se for o caso, pode ser feita talvez em duas sessões semanais, mas a análise, se for o caso, é feita em, no mínimo, quatro sessões semanais, no mínimo 20 sessões por mês.

Adelaide pega o caderno, consulta.

ADELAIDE  
Por todas estas condições... eu vou cobrar de você metade do que eu cobrava em Berlin, 10 mil réis por sessão.

Pausa.

VIRGÍNIA  
Desculpe, não entendi. Você vai cobrar 5 mil réis por sessão?

ADELAIDE  
Não, desculpe, vou cobrar 10 mil réis por sessão. Eu cobraria, 20 mil réis por sessão, é um pouco menos do que eu cobrava na Alemanha, fiz a conversão em libras, o marco muda todo dia. Como eu não estou atendendo ainda, você é minha primeira paciente, e sei que você não é rica, e ainda estou aprendendo a sua língua, vou cobrar a metade, 10 mil réis por sessão.

VIRGÍNIA  
Obrigada. É caro. Eu sei o valor, o problema é... o preço. Para mim.

Pausa.

VIRGÍNIA  
Mas eu vou dar um jeito.

ADELAIDE  
Dar um jeito.

VIRGÍNIA  
Eu consigo. Está certo.

ADELAIDE  
Então, combinado, 10 mil reis por sessão?

VIRGÍNIA  
Combinado.

Virgínia pega a bolsa.

ADELAIDE  
Não, não precisa ser agora. Você pode pagar no fim do mês. As sessões são de 50 minutos e começam no horário marcado, por favor, não se atrase. Caso haja algum imprevisto, podemos tentar remarcar, mas eu ainda não tenho telefone.

VIRGÍNIA  
Certo. Eu recebo dia 5, pelo estado. Se eu puder pagar no dia 6 ou 7... Dia 10 seria melhor.

ADELAIDE  
Sem problema, dia 10.

ADELAIDE VIRGÍNIA  
Ótimo.

Pausa, silêncio. Longo silêncio. Adelaide olha o relógio, anota o horário. Fecha o caderno, larga sobre uma mesa, com o lápis.

VIRGÍNIA  
Começamos?

ADELAIDE  
Sim, já começamos.

VIRGÍNIA  
E você vai me fazer alguma pergunta ou eu escolho livremente o tema?

ADELAIDE  
O que você prefere?

Pausa.

VIRGÍNIA

Eu prefiro que você me faça uma pergunta.

ADELAIDE

Sobre o que você quer falar?

VIRGÍNIA

Esta é a pergunta?

ADELAIDE

Esta é a pergunta.

Virgínia muda de posição, ajeita-se na cadeira.

VIRGÍNIA

Eu acho que... eu quero falar sobre a primeira coisa que eu disse quando entrei aqui... As palmas e os gritos que eu ouvia no colégio.

ADELAIDE

Podemos falar disso, mas esta não foi a primeira coisa que você disse quando entrou aqui.

VIRGÍNIA

Não?

ADELAIDE

Não. A primeira coisa que você disse quando entrou aqui foi que você tinha errado de roupa, você estava com calor, com um casaco grosso demais porque o dia amanhecera mais frio. Eu sugeri que você tirasse o casaco e você não quis tirar.

VIRGÍNIA

Que memória!

ADELAIDE

Você disse muitas outras coisas antes de falar das palmas e gritos no colégio. Você falou do seu pai, Teóphilo, da avó paterna de quem você herdou seu nome, Virgínia, dos seus irmãos, da sua mãe que nasceu na Itália, você não disse o nome dela.

VIRGÍNIA

Giovana.

ADELAIDE

Giovana. Desculpe, eu sei que isso pode ser irritante, eu às vezes repito em voz alta algumas coisas, para memorizar.

VIRGÍNIA

Tudo bem.

Pausa.

ADELAIDE

Começar, hoje, pelas palmas e gritos no colégio é uma escolha. Que idade você tinha?

Pausa. Virgínia observa o cenário: os livros, objetos.

VIRGÍNIA

Eu acho que... doze anos, porque eu já ia a escola de manhã. Eu era a única negra da minha série. Havia outros, na escola, mais velhos. Eu sempre acordei muito cedo, junto com minha mãe, ao nascer do sol. Ela preparava o café, fazia pão, botava a mesa, eu tomava banho, me arrumava e ficava um bom tempo escovando o cabelo e estudando. Eu queria tirar as maiores notas possíveis, e ter o cabelo mais liso possível.

ADELAIDE

Por quê?

VIRGÍNIA

Para parecer o mais branca possível.

ADELAIDE

Pelo que você me disse, não adiantava.

VIRGÍNIA

Às vezes, não. Na rua em que eu morava não tinha calçamento. Eu ia para a escola a pé, tinha que ir de pés descalços, só trocava os sapatos perto da escola, para não chegar com os pés sujos de barro, isso era uma prova de pobreza.

Pausa.

ADELAIDE

Você falava sobre isso com alguém?

VIRGÍNIA

Não. Minhas irmãs sofriam o mesmo que eu, mas revidavam, brigavam. Eu não reagia, me vingava sendo a primeira da classe, estudando muito.

ADELAIDE

Conversava com seus pais?

VIRGÍNIA

Não, sobre isso, nunca. Meu pai era muito sério. Carinhoso, mas sem intimidades, nós sempre o chamávamos de senhor, ele nos tratou sempre por

senhoritas. Desconfiamos que, em parte, é porque ele confundia os nomes... Helena, Lourdes, Carmem, Virgínia...

VIRGÍNIA

Meu pai era negro retinto, sempre muito elegante, de terno e gravata borboleta, muito orgulhoso. Nos dizia para ter orgulho. "Sua avó era escravizada mas seu pai e vocês nasceram livres. Somos todos brasileiros!". Como eu podia dizer a ele que queria ser branca? E minha mãe... Ela não tem como entender.

ADELAIDE

Por que não?

VIRGÍNIA

Porque ela é branca. De olhos claros, nasceu na Europa.

ADELAIDE

Como eu.

VIRGÍNIA

Sim... Mas você estudou para entender.... Isso. Ela é uma pessoa simples, boa, não sente o mesmo que nós.

ADELAIDE

Você disse que ela imigrou para o Brasil, com os pais, para não morrer de fome.

VIRGÍNIA

Eu contei isso?

ADELAIDE

Sim.

VIRGÍNIA

Eu não me lembro de ter falado tanto. Eles chegaram no final do século, foram colher café. Vô Pietro e vó Pina. Vó Pietro tinha orgulho da Sicília, dizia que lá foram inventados os sonetos, que ele adorava. Eles atravessaram o mar com as quatro filhas, fugindo da fome. Uma, a menorzinha, morreu no caminho, o corpo foi jogado ao mar. Vó Pina sempre contava da morte da filha e sempre chorava, dizia que o bebezinho dela foi comido pelos tubarões.

VIRGÍNIA

Era uma história horrível, ela fazia um drama, era muito teatral. Quando eu era pequena me

impressionava, depois só fingia que prestava atenção. A gente se acostuma com tudo.

ADELAIDE

Ela ainda chorava a morte da filha.

VIRGÍNIA

Chorava.

Pausa.

VIRGÍNIA

Minha mãe talvez tenha visto a irmã ser jogada ao mar, estava no navio. Ela nunca falou sobre isso. Nós nunca conversamos muito, sobre nós, eu e minha mãe.

Pausa.

VIRGÍNIA

Eu não tenho namorado. Nunca tive.

ADELAIDE

Nunca? Ninguém?

VIRGÍNIA

Não. Os rapazes são muito tolos.

ADELAIDE

E porque você lembrou disso agora?

VIRGÍNIA

Lembrei de minha mãe, da nossa falta de intimidade, de nunca ter falado com ela sobre namorados.

ADELAIDE

Que você não teve.

VIRGÍNIA

É. Dos namorados que eu não tive.

Pausa.

VIRGÍNIA

E quando eu vou para o divã?

ADELAIDE

Você quer ir para o divã?

VIRGÍNIA

Quero. Acho que quero. Qual a vantagem?

ADELAIDE

Para quem?

VIRGÍNIA

Para a análise. Para mim, para você.

ADELAIDE

Para você, a vantagem é que pode se concentrar mais nas próprias palavras, sem a presença constante de um olhar, um juízo visual, externo, pode facilitar dizer coisas das quais se envergonha. É uma relação diferente.

VIRGÍNIA

Entendi.

ADELAIDE

E para mim ajuda a concentração, a escutar melhor, sabe? Como quando a gente fecha os olhos para ouvir uma música. E é menos cansativo, manter uma expressão neutra, o tempo todo, cansa, exige um esforço.

VIRGÍNIA

Eu gostaria de experimentar.

ADELAIDE

Muito bem. Outro dia. Hoje, nosso horário acabou.

VIRGÍNIA

Já? Que pena.

Virgínia e Adelaide levantam, se cumprimentam.

ADELAIDE

Até amanhã.

VIRGÍNIA

Até.

[PRET] CENA 35 - AUDITÓRIO

[ATITUDE DO ANALISTA 35 e 36]

Auditório, cortina grande, palco. Plongée.

Adelaide, grande cortina ao fundo, fala num púlpito, com uma luminária. Ela usa óculos, lê anotações.

ADELAIDE

Qual deverá ser a atitude da psicanalista nesta primeira consulta? Ela tem a difícil tarefa de despertar confiança no paciente, de estabelecer um contacto, sem tomar uma atitude expressamente amável.

[VERM] CENA 36 - SALA

Adelaide, ao piano, toca, lendo a partitura.

# Gnossienne No. 1 - Erik Satie

ADELAIDE (OFF)

Em geral, basta ouvir atenciosamente, fazer determinadas perguntas, mostrar compreensão e tolerância completa diante de tudo que o paciente contar. O paciente revela, sem o saber, já na primeira consulta, determinados traços do caráter e de sua neurose.

Adelaide olha para a porta.

Sob a porta, sombras dos pés de Virgínia.

Na rua, Virginia veste o casaco.

Adelaide pára de tocar. Fecha o piano.

Adelaide ajeita o cabelo, fecha um botão da roupa.

Adelaide abre a porta.

[PRET] CENA 37 - SALA DE AULA UNIVERSIDADE  
[DEFESA DE TESE - CASO DO CONVITE]

Sala de aula. Contra-plongée

Virgínia fala numa sala de aula.

VIRGÍNIA

Caso número 8 - Trata-se de um preto criado por branco que, transferindo-se de importante cidade paulista, fixou residência em São Paulo. Possui curso secundário e exerce uma profissão intelectual. Ele conta: "Sob minha chefia trabalham vários moços. Certo dia, um deles entregava-me um convite para festa de formatura em presença de sua irmã. No dia seguinte, conta-me ingenuamente o rapaz. "Ontem minha irmã ficou preocupada vendo-me convidado para a festa de formatura e me censurou. Tranquilizei-a imediatamente, dizendo-lhe que o havia convidado porque sabia que, certamente, o senhor não iria".

[PRET] CENA 38 - AUDITÓRIO  
[ASSOCIAÇÃO LIVRE]

Auditório, cortina grande, palco.

Adelaide dá uma palestra num auditório.

ADELAIDE

O analista não faz perguntas em forma de questionário. Quando é perguntado, é difícil, para o analisado, cumprir a regra da associação livre. Ninguém é capaz de pôr de lado todas as restrições e conveniências que impedem, na vida diária, de ser franco e sincero.

[PRET] CENA 39 - SALA DE AULA UNIVERSIDADE  
[A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA]

Virgínia fala numa sala de aula

VIRGÍNIA

Caso 23. Trata-se de uma moça parda de 28 anos de idade, solteira. Possui curso secundário e exerce o funcionalismo público. "A cor motiva grande complexo de inferioridade: a gente se sente inferior ao branco, feia, diferente e muitas vezes tem vergonha de si mesma. (...) Quando aluna do grupo escolar eu tinha vergonha de ficar diante da classe e só hoje sei porquê.

[PRET] CENA 38 B - AUDITÓRIO  
[HIPOCRISIA]

Adelaide dá uma palestra num auditório.

ADELAIDE

A vida social obriga a uma certa hipocrisia, pois que seríamos insuportáveis se disséssemos a todos aquilo que pensamos intimamente. São justamente as resistências contra tal sinceridade que fornecem ao analista o material indispensável para o estudo e compreensão da neurose.

[PRET] CENA 40 - SALA DE AULA UNIVERSIDADE  
[CONVENCÍ-ME DE QUE NÃO SOU PRETA]

Virgínia fala numa sala de aula.

VIRGINIA

"Convenci-me de que não sou preta, apenas descendo de preto pelo lado paterno. Hoje se espero que uma coisa se realize e se dá o contrário, atribuo a

causa à cor. Por exemplo, em questão de casamento, penso que até hoje não deu certo por causa da cor. (...) Nas atitudes com namorado, deixo que ele resolva se quer ou não. Se eu fosse branca, não seria tão submissa."

[PRET] CENA 41 - AUDITÓRIO  
[O BEM E O MAL]

Adelaide dá uma palestra num auditório.

ADELAIDE  
O psicanalista não deve julgar os atos e pensamentos de seus pacientes sob o ponto de vista do bem ou do mal.

[PRET] CENA 42 - SALA DE AULA  
[NÃO MALTRATE MINHAS FILHAS]

Virgínia fala numa sala de aula, lê fichas.

VIRGÍNIA  
Caso 24. Minha mãe não viveu muito, estava doente, me lembro da ambulância que veio buscá-la. Antes de morrer, ela escreveu para minha avó, mãe de meu pai, que era branca: "Não maltrate minhas filhas". Nessa época, eu nunca me tinha como negra. Nunca ninguém me disse que eu era negra.

[PRET] CENA 43 - ARQUIVO  
[OUVINTES]

Plateias lotadas, maioria homens.

Foto/animação com plateia  
<https://www.shutterstock.com/pt/video/clip-31687423-circa-1940s---audience-sits-movie-theater> <https://www.alamy.com/stock-photo-students-in-the-lecturehall-1940-48340757.html>

[PRET] CENA 44 - AUDITÓRIO  
[SER O QUE SE QUER SER]

Adelaide dá uma palestra num auditório.

Foto/animação com plateia

ADELAIDE  
A única coisa que deve interessar ao psicanalista é saber por que tal paciente age desta ou daquela

maneira e por que ele ou ela não pode ser... como gostaria de ser.

[VERM] CENA 45 - CONSULTÓRIO  
[SEGUNDA SESSÃO - SONHO, GARUPA, IR INDO]

Virgínia no divã, de costas para Adelaide, na poltrona.

VIRGÍNIA

... eu estou fazendo um trabalho acadêmico sobre preconceito de cor. Eu estou entrevistando diversas pessoas, e escuto... Aqui existe, sim, preconceito de cor. E muito. O que acontece agora no seu país, com os judeus, aconteceu com os negros no Brasil durante mais de 300 anos! E continua acontecendo, de fato.

ADELAIDE

Todo racismo é desumano, não é um campeonato de crueldade.

VIRGÍNIA

É verdade, mas alguém sempre pode dizer: "eu não sou judeu". Eu não posso dizer: "eu sou branca".

ADELAIDE

Não pode?

VIRGÍNIA

Não, não posso.

Pausa.

VIRGÍNIA

Essa mulher, o caso 24, ela era preta retinta, quase azul, eu tive que conter o riso, pensei "e é preciso alguém dizer que você é negra, mulher?" Aí eu pensei que ninguém nunca me disse que eu era negra, até ser xingada na escola. Eu também nunca pensei em mim mesma como uma mulher negra.

Silêncio. Longo silêncio.

Virginia vê, no chão, perto da poltrona de Adelaide, um brinquedo de madeira.

VIRGÍNIA

Eu me lembrei de um sonho. Um dia eu acordei, fui até a janela, a rua tinha virado um rio, água por todo lado. Eu precisava ir para a escola, era o dia da apresentação de um trabalho sobre os continentes, a professora escolheu os continentes para cada um,

me disse que eu devia fazer a África, alguns riram. Eu fiz um trabalho lindo, um mapa colorido, tinha as pirâmides, castelos, animais, florestas... Eu chorava, ia perder a apresentação. Meu pai tirou os sapatos, arregaçou as calças, me botou na garupa.

ADELAIDE

Desculpe... garupa.

VIRGÍNIA

Com as pernas sobre os ombros. Eu segurava o meu mapa enrolado, grudado no peito, como se fosse um tesouro. Nós atravessamos as águas, cheguei na escola a tempo, apresentei o trabalho, tirei cem.

ADELAIDE

Este foi o sonho?

VIRGÍNIA

Não, desculpe, isso aconteceu mesmo, o sonho veio depois. Eu sonhei que meu pai afundava nas águas, eu mergulhava, respirava embaixo da água. Mas no sonho eu não estava com o uniforme escolar, estava de pijama. Acordei feliz.

ADELAIDE

Quando você sonhou?

VIRGÍNIA

O quê?

ADELAIDE

O sonho. Foi no mesmo dia?

VIRGÍNIA

Não, muito depois. Eu já tive este sonho outras vezes, respirando embaixo da água.

ADELAIDE

E você é sempre criança? No sonho?

VIRGÍNIA

Não. Acho que não. Não lembro.

Virginia olha para o brinquedo no chão.

VIRGÍNIA

Que idade têm as suas filhas?

ADELAIDE

A mais velha tem 11, a mais nova tem 9.

VIRGÍNIA

Eu não lembro muito dos meus sonhos, isso pode ser um problema?

ADELAIDE

Que tipo de problema?

VIRGÍNIA

Para a análise. Às vezes eu acordo lembrando do sonho, depois esqueço. Pensei em botar um caderno do lado da cama, anotar, fazer um diário dos sonhos, um sonhário. É uma boa ideia?

ADELAIDE

Pode ser.

VIRGÍNIA

Eu lembro pedaços de alguns sonhos, frases, lugares. Nos meus sonhos quase sempre eu apareço, não são imagens vistas por mim, são como cenas de filmes, eu estou presente, na cena. Mas às vezes... não, às vezes são olhares trocados com professores, colegas, objetos em minha mão, meu olhar. Sonho com meu pai e minha mãe, às vezes com minha avó, quase nunca com minhas irmãs, às vezes com Teófilo.

ADELAIDE

Seu pai.

VIRGÍNIA

Meu irmão menor, Teófilo Júnior, uma peste, muito arteiro. Sonhei que andava com ele no centro da cidade, soltou minha mão e o perdi, quase aconteceu, uma vez, de fato, mas logo o encontrei. No sonho não, no sonho eu procurava por ele entre a multidão nas calçadas, nas lojas e, também na casa da fazenda, onde ele nunca esteve, eu mesma só estive lá duas vezes, ainda criança. No sonho, minha mãe, adulta, estava na cozinha da fazenda, colocando pães num forno, e só me respondia que meu irmão não estava ali.

Silêncio, longo.

VIRGÍNIA

Você ficou pensando no sonho? Eu já pensei muitas vezes nele. Meu pai Teófilo, o mesmo nome do meu irmão, que eu procuro. Minha mãe, os pães, o forno. Uma mulher com um forno, a Bruxa, João e Maria, irmãos perdidos, ...

ADELAIDE

Quem são João e Maria?

VIRGÍNIA

Do conto de fadas. O pai não tem como sustentar os filhos, abandonam na floresta, eles fazem uma trilha de pedrinhas...

VIRGÍNIA ADELAIDE

Hansel und Gretel.

VIRGÍNIA

Hansel, Gretel e a Bruxa. É nisso que você está pensando?

ADELAIDE

Não, ainda não. Você disse: "Eu nunca pensei em mim mesma como uma mulher negra". Em alemão, eine schwarze frau. Schwarze Frau, negra mulher. Quando você diz, em português, que nunca pensou em si mesma como uma mulher... negra, está dizendo também, e primeiro, que nunca pensou em si mesma como uma mulher.

Virgínia ri.

ADELAIDE

Por que é engraçado?

VIRGÍNIA

Desculpe, mas isso é meio... engraçado. Quer dizer, em português o adjetivo, a palavra que qualifica o sujeito, vem depois, mulher negra. Ninguém fala, "negra mulher", com o em alemão, ou inglês, "black woman".

ADELAIDE

Sim, isso eu sei, mas em português os adjetivos tem gênero, não é assim? Negro, negra.

VIRGÍNIA

Sim.

ADELAIDE

A sua entrevistada, o caso 24, disse... "que eu era negra". Ela não falou "que eu era uma mulher negra". Você poderia ter dito o mesmo, apenas "negra". Você disse "mulher negra".

VIRGÍNIA

(irritada) Desculpe, mas acho que isso é bobagem. Meu sofrimento está ligado ao fato de eu ser negra, não de ser mulher.

ADELAIDE

Bobagem. Unsinn. Se é bobagem, porque a irritação?

VIRGÍNIA

Porque estamos perdendo tempo. Eu não tenho nenhum problema por ser mulher e, se é isso que você está pensando, nunca me interessei por mulher alguma.

ADELAIDE

Você me disse, nunca se interessou por ninguém.

VIRGÍNIA

Eu estou estudando, trabalhando, não tenho tempo para isso.

Pausa, silêncio.

VIRGÍNIA

O horário não acabou?

ADELAIDE

Ainda não.

Pausa. Longo silêncio. Virgínia olha o relógio.

VIRGÍNIA

Faltam só 5 minutos. Não dá para começar nada em 5 minutos.

Silêncio. Virgínia levanta.

VIRGÍNIA

Talvez fosse melhor eu ir indo.

ADELAIDE

Desculpe. Ir indo... O que significa?

VIRGÍNIA

(irritada) Bem, se você não entende palavras simples em português... Como vai entender como eu me sinto?

ADELAIDE

Isto faz parte do nosso acordo. Eu lembrei você que ainda não dominava inteiramente o português, você insistiu, eu aceitei.

Virgínia senta-se na poltrona em frente de Adelaide.

VIRGÍNIA

Eu sei. Desculpa.

Silêncio.

ADELAIDE

Você não precisa me pedir desculpas. "Ir indo" é diferente de simplesmente "ir"?

VIRGÍNIA

É só uma maneira de falar. "Ir indo", é uma despedida, um anúncio, significa "estou saindo, dentro de alguns minutos", "estou de partida", significa o desejo ou a necessidade de ir embora.

ADELAIDE

O desejo ou a necessidade de ir embora. Entendi. E por que não vai?

VIRGÍNIA

Faltam 3 minutos. Eu espero.

Silêncio longo.

VIRGÍNIA

Embora eu não entenda o sentido de ficar em silêncio, aqui, pensando nos meus problemas, sozinha.

ADELAIDE

Você não entende o sentido de pensar nos seus problemas?

VIRGÍNIA

Às vezes me parece que você só fica fazendo jogos de palavras. Eu preciso que você me ajude, diga alguma coisa!

ADELAIDE

Eu estou dizendo muitas coisas.

VIRGÍNIA

Nada que esteja ajudando a resolver meus problemas.

ADELAIDE

Para resolver seus problemas, você precisa descobrir quais são os seus problemas.

VIRGÍNIA

Eu sei muito bem quais são os meus problemas.

ADELAIDE

Não é provável. Você só começou a análise há seis meses. Nós temos tempo. Mas não hoje. O seu horário acabou.

Virginia encara Adelaide, levanta, pega o brinquedo no chão, põe sobre a mesa. Virgínia sai.

Adelaide fica sentada, pega o brinquedo. A porta bate.

[VERD] CENA 46 - ESTÚDIO  
[TORNAR-SE BRANCA]

Papel marmorizado

Adelaide, com seu caderno, encapado com um papel marmorizado.

ADELAIDE (OFF)  
(escreve, pensa) Garupa. Parte posterior de um cavalo, anca, entre o lombo e a cauda.

ADELAIDE  
Do alemão kruppa.

Adelaide fala para a câmera.

ADELAIDE  
A menina montada sobre o pescoço do pai, o mergulho na água. O canudo na mão, o pijama? Virgínia perde o menino Teófilo, sua avó Virgínia perdeu o filho Teófilo para sua mãe, branca, que diz não saber onde ele está. O pai, negro, escolheu a mãe, branca. Tornar-se branca, tornar-se mulher, tornar-se uma mulher, branca.

[VERD] CENA 47 - ESTÚDIO  
[ESTADO NOVO]

Virgínia e o dial do rádio, o discurso de Getúlio fundando o Estado Novo, /11/1937)

GETÚLIO (GRAVAÇÃO)  
Por certo, essa situação especialíssima só se caracteriza sob aspectos graves e decisivos nos períodos de profunda perturbação política, econômica e social. (...) acima dos formalismos jurídicos (...) entre a existência nacional e a situação de caos e desordem em que nos encontrávamos, não podia haver meio termo ou contemporização...

VIRGÍNIA  
Aqui, agora é o Estado Novo.

[VERD] CENA 48 - ARQUIVO  
[FASCISMO BRASILEIRO]

Saudações integralistas

Filmes, fotografias, notícias.

VIRGÍNIA

Getúlio Vargas é o ditador, deu um golpe, o auto-golpe, acabou com todos os partidos. Ele mantém boas relações com os governos fascistas, sua polícia política prende e tortura adversários, o governo censura jornais, livros, fala no rádio sobre o perigo comunista.

[VERD] CENA 49 - ESTÚDIO  
[STORMTROPPERS 49 até 52]

Adelaide e o dial do rádio, escuta uma rádio em alemão, notícias.

ARQUIVO (programa de rádio alemã)

ADELAIDE

Stormtroopers. Os cavaleiros da tempestade.

[VERD] CENA 50 - ARQUIVO

Saudações nazistas

Filmes, fotografias, notícias.

ADELAIDE

São jovens, fortes, muitos, um grupo paramilitar, uma milícia nazista, eles se divertem dizendo que são do grupo de "ginástica e esporte" do partido.

[VERD] CENA 51 - ESTÚDIO

Dial Adelaide, muda de estação, encontra uma música, baixa o volume do rádio, fala para a câmera.

ADELAIDE

O pai de uma amiga, um advogado judeu, foi surrado pelos Stormtroopers com cassetetes de couro...

CENA 52 - ARQUIVO

Saudações nazistas

Filmes, fotografias, notícias.

ADELAIDE

... foi levado a um estádio de futebol, com outros judeus, obrigado a cortar a grama com os dentes.

Minha amiga só ficou sabendo quando alguém disse a ela, dias depois: "Seu pai também foi preso, estava lá". Ele mesmo nunca contou nada a família, jamais falou sobre isso. Pode parecer vergonhoso sofrer tanto apenas para continuar vivo.

[VERD] CENA 53 - ESTÚDIO  
[ESTADO NOVO EUGENISTA]

Saudações integralistas

VIRGÍNIA

A Frente Negra Brasileira, o jornal Voz da Raça, que defendiam os direitos do negro ao estudo, foram fechados, acusados de serem comunistas.

[VERD] CENA 54 - ESTÚDIO  
[NOITE DOS CRISTAIS]

Saudações nazistas

ADELAIDE

9 de novembro de 1938, Kristallnacht, a Noite dos Cristais. Um massacre anti-semita, violência e destruição por toda a Alemanha. Centenas de sinagogas foram incendiadas, os bombeiros receberam instruções para deixar queimar. As vitrines de milhares de lojas de propriedade de judeus foram destruídas e suas mercadorias saqueadas. Os cemitérios judeus foram profanados. Naquela noite, 91 judeus foram assassinados.

[VERD] CENA 55 - ARQUIVO  
[ANAUÊ]

Saudações integralistas

Filmes, fotografias, notícias.

VIRGÍNIA

Há poucos dias os integralistas, 50 mil homens uniformizados, saíram às ruas em apoio ao ditador, marchando e gritando "Anauê", com os braços erguidos.

[VERD] CENA 56 - ESTÚDIO  
[FASCISTAS SE PARECEM]

Filme Noite dos Cristais, detalhes das chamadas.

ADELAIDE E VIRGÍNIA

(falam ao mesmo tempo) Eles são nacionalistas, defendem a pátria acima de tudo, a família, a propriedade privada, as práticas cristãs, e combatem o comunismo. Eles têm armas, gostam de armas.

[VERM] CENA 57 - CONSULTÓRIO

[VIVER SEM O PAI]

VIRGÍNIA

Se eu fizer a você uma pergunta pessoal, você deve me responder ou não?

ADELAIDE

Depende. Se eu julgar que a minha resposta pode ajudar no seu tratamento, respondo.

VIRGÍNIA

Seu pai, está vivo?

ADELAIDE

Não.

VIRGÍNIA

Faz tempo que ele morreu?

ADELAIDE

Faz 9 anos.

VIRGÍNIA

O meu morreu há 5 anos.

ADELAIDE

Por que você achou importante saber se o meu pai morreu?

VIRGÍNIA

Para saber se você tem esta vivência, de perder o pai. Acho difícil entender a perda do pai, sem ter vivido. Eu amo a minha mãe, mas o meu pai era a minha referência de certo e errado. Quando ele morreu eu me perguntei: como eu vou viver sem ele?

ADELAIDE

E o que você se respondeu?

VIRGÍNIA

Respondi como sempre: vivendo. Quando eu disse que queria fazer análise e conhecer você, o doutor Marcondes me disse: "Você é mulher, psicanálise mexe muito com questões sexuais, eu preciso da

autorização do seu pai!" Eu tenho 27 anos! Dois dias depois eu respondi a ele: "Meu pai autorizou!" Ele disse, "Tudo bem", me deu o seu contato. Meu pai já tinha morrido há 4 anos. Eu ainda me pergunto o que ele diria.

ADELAIDE

O que você acha que ele diria?

VIRGÍNIA

Acho que ele diria: tudo bem! Ele confiava em mim.

[AZUL] CENA 58 - ARQUIVO

[MÃE DE VIRGÍNIA]

Filmes, fotografias.

VIRGÍNIA

Minha mãe fazia o serviço leve da casa, arrumava camas, cuidava das crianças. Ela era vaidosa, usava cremes.

[VERD] CENA 59 - ESTÚDIO

[CARTA A MÃE DE ADELAIDE 59-60]

Carta original (no telão e projetada em negativo sobre a atriz).

Adelaide envelopa a carta no estúdio e na locação.

Carta de Adelaide para a mãe.

ADELAIDE

Minha querida mãezinha somente por ocasião de uma separação é que a gente sente a força e a profundidade de nossa ligação com as pessoas e tudo aquilo que a gente antes aceitava como natural e óbvio, torna-se consciente. Preciso lhe dizer que nós dois, Ernst e eu passamos por momentos muito difíceis.

[VERD] CENA 60 - ARQUIVO

Carta original (no telão e projetada em negativo sobre a atriz).

Filmes, fotografias.

ADELAIDE

Nos sentimos como se construíssemos com a ajuda e força de vocês aqui no estrangeiro um novo lar para nós e nossos filhos. E o que eu quero agradecer

especialmente a você e ao pai: vocês depositaram em nós um sentimento de dever de busca da felicidade, que sempre cresceu com força em mim. (...) o seu sacrifício, da forma como vocês o carregam, constitui uma comprovação da força e resistência de nosso povo!

[AZUL] CENA 61 - ESTÚDIO  
[VÓ DE VIRGÍNIA]

VIRGÍNIA  
Minha avó lavava roupas, serviço pesado, muitos lençóis, toalhas. Minha vó era forte, mostrava as mãos ásperas, me dizia, "Tua mãe é que teve sorte, mais que nós! Nasceu branca, usa cremes!"

[AZUL] CENA 62 - ARQUIVO [IMIGRANTES 62-63]

Filmes, fotografias.

ADELAIDE  
Chegamos em São Paulo em outubro de 1936, descemos do navio com as crianças, as malas, fomos morar num quarto na pensão Stettiner, na esquina da Avenida Paulista com a Rua Augusta.

[AZUL] CENA 63 - ESTÚDIO

Filmes, fotografias.

ADELAIDE  
Era limpa, um quarto, para nós quatro. Todos aqui nos ajudaram, muito, uma grande comunidade de refugiados, muitos judeus que escaparam do nazismo. Estávamos vivos, juntos. Estávamos bem.

[PRET] CENA 64 - RÁDIO  
[PODER DOS SONHOS]

Virgínia fala num microfone, num estúdio de rádio.

VIRGÍNIA  
O poder do sonho é conhecido desde sempre, não foi inventado pela psicanálise, está na Bíblia. (lê)  
"Não alegues que Deus não responde aos questionamentos humanos! A verdade é que Deus fala nos sonhos ou nas visões durante as noites, quando o sono profundo cai sobre todos nós e adormecemos em nossas camas. Ele pode falar aos ouvidos dos homens

e aterrorizá-los com advertências, a fim de prevenir o ser humano sobre as suas más ações e livrá-lo da soberba e da arrogância, para poupar a sua alma da cova, e a sua vida, de passar pela espada. Jó, 33, 13-18.

[AZUL] CENA 65 - ESTÚDIO  
[ZEPPELIN]

Adelaide. Imagem do Zeppelin.

<https://passageirodeprimeira.com/tbt-os-grandes-momentos-dozeppelin-no-brasil/>  
\* (30/11/36)

ADELAIDE

Um dia o Zeppelin passou no céu de São Paulo, nós vimos da calçada, era lindo, mas ele trazia o símbolo do nazismo. As meninas viram.

[PRET] CENA 66 - RÁDIO  
[não existe nada escondido que não venha a ser revelado]

(Eliminada)

[PRET] CENA 67 - AUDITÓRIO  
[TIPOS DE PACIENTES]

Adelaide fala para um auditório.

ADELAIDE

Cada pessoa neurótica tem traços típicos nas atitudes resultantes do processo de adaptação à sua neurose. Um paciente é tímido, hipergentil, tem um sorriso embaraçado, fala com voz baixa, mal olha no rosto do médico. Outro parece seguro, convicto de si mesmo, esconde os sofrimentos querendo mostrar ao psicanalista um ar de superioridade.

[PRET] CENA 68 - RÁDIO  
[RELIGIÕES]

Virgínia fala num microfone, num estúdio de rádio.

VIRGÍNIA

Freud disse que as neuroses são religiões individuais, e eu concordo, e que as religiões são neuroses coletivas, e eu discordo. Eu não sou religiosa, sou cientista, mas respeito a fé. A

ciência não é tudo, nós também precisamos de arte,  
de paixão e de fé.

[PRET] CENA 69 - AUDITÓRIO

Adelaide fala para um auditório.

ADELAIDE

Um terceiro entra com cara fechada, fala pouco e com muito cuidado, para não revelar suas fraquezas e mostra certa indiferença para com seus sintomas, querendo dar ao analista a impressão de que, no fundo, não se julga doente.

[PRET] CENA 70 - RÁDIO  
[CONFLITO 70/72]

Virgínia ao microfone de uma rádio.

VIRGÍNIA

Freud começou a estudar os problemas psíquicos em 1885 e uma das primeiras noções que alcançou foram os conceitos de conflito, defesa e resistência. Ele observou que os sintomas dos pacientes resultavam de um conflito entre os seus desejos e suas aspirações morais, entre o que se quer fazer e o que se pode fazer.

[PRET] CENA 71 - AUDITÓRIO  
[LUCRO SECUNDÁRIO DA NEUROSE]

Adelaide dá uma palestra num auditório.

ADELAIDE

Uma pessoa que sofre de fobia de lugares públicos, como por exemplo o cinema, ficará em casa, lendo ou se divertindo de outra forma e dirá que o cinema é um divertimento banal, numa formação reativa, "estas uvas estão verdes". Já uma pessoa de traços compulsivos, como hiper-limpeza, ordem exagerada e meticulosidade, pode tirar desses traços uma grande vantagem moral, é tida por organizada, limpa e eficiente. Na psicanálise chamamos a isso "lucro secundário da neurose".

[PRET] CENA 72 - RÁDIO  
[O QUARTINHO DOS FUNDOS]

Virgínia ao microfone de uma rádio.

VIRGÍNIA

Para aliviar-se do sofrimento de manter na consciência aquele conflito, ou para aliviar-se do sofrimento pela insatisfação de desejos moralmente condenados, os pacientes empurram estes desejos para o inconsciente, níveis mais profundos da mente, o fundo da gaveta, o quartinho dos fundos, embaixo da escada, no porão.

[PRET] CENA 73 - AUDITÓRIO  
[SINTOMAS]

Adelaide dá uma palestra num auditório.

ADELAIDE

Reprimindo inconscientemente os desejos reprovados, os doentes deles não se libertam, e eles reaparecem deformados como sintomas: a mão tremendo, a falta de fome, a fome, a dor, a boca seca...

[VERM] CENA 74 - CONSULTÓRIO  
[BEIJO]

Virgínia entra, se aproxima de Adelaide, ficam paradas, frente a frente.

Adelaide estende a mão, acaricia o cabelo de Virgínia, se aproxima. Adelaide beija Virgínia.

Virgínia, num primeiro momento, fica imóvel. Depois abraça Adelaide, retribui o beijo.

VIRGÍNIA

Eu sonhei que você me beijava.

[VERM] CENA 75 - CONSULTÓRIO  
[SONHO DO BEIJO]

Virgínia no divã, Adelaide em sua poltrona.

VIRGÍNIA

Eu entrava no consultório, parecia tudo normal, mas você não me cumprimentava, não dizia nada. Eu também ficava muda... Então nós nos beijávamos.

Pausa.

VIRGÍNIA

Eu me assustei mas depois... Nós logo voltamos a falar como se nada tivesse acontecido.

Pausa.

VIRGÍNIA  
O que você acha que isso... significa?

ADELAIDE  
O que você acha que significa?

VIRGÍNIA  
Eu li sobre transferência. É isso?

ADELAIDE  
Talvez. O que você leu?

VIRGÍNIA  
Que a transferência é natural, o paciente projeta no analista seus afetos e ódios reprimidos, e também é uma forma de resistência, uma maneira de sabotar o tratamento.

ADELAIDE  
E você já pensou por que você estaria sabotando o tratamento? Você me disse que tirou um empréstimo para pagar as sessões.

Pausa.

VIRGÍNIA  
Eu li que a resistência aumenta quando o tratamento se aproxima de algo importante.

ADELAIDE  
E você imagina o que pode ser?

Pausa.

VIRGÍNIA  
Não sei... Esse sonho... Eu nunca beijei ninguém, só minhas irmãs, de brincadeira. Brincávamos de papai e mamãe, com as bonecas. Minha avó me deu uma boneca, branca, que eu vestia de princesa. Fiz uma coroa com o papel alumínio de um chocolate, um manto com um retalho de seda, um cetro com um alfinete velho de gravata de meu pai. Eu tenho uma foto com esta boneca, um vestido rendado, cabelos ruivos, branca. No meu sonho, quando eu beijei você, não parecia ser a primeira vez.

ADELAIDE

Você disse que sonhou que eu beijava você. Depois disse que, no sonho, nós nos beijávamos. E agora disse que você me beijou.

VIRGÍNIA

Não é tudo a mesma coisa? Um beijo.

ADELAIDE

De quem foi a iniciativa do beijo, no sonho?

VIRGÍNIA

Acho que... foi sua.

Pausa.

VIRGÍNIA

Isso significa o quê?

ADELAIDE

Ainda não sei. O que você acha que significa?

VIRGÍNIA

O meu desejo de que você me acolha, me aceite, como eu sou. Você, uma mulher, branca, como a mulher que meu pai escolheu.

ADELAIDE

Me parece uma boa análise.

VIRGÍNIA

Minha mãe era linda, de olhos verdes. Até hoje ela é bonita. Meu avô dizia que eu era a filha mais parecida com ela, a mais bonita, dizia isto na frente das minhas irmãs. Eu, minhas irmãs, todos entendiam que ele estava querendo dizer que eu era a mais branca. Ele era bem racista, acho que nunca aceitou que a filha casasse com um negro. Mas meu pai gostava dele, tinha pena, dizia que ele sofreu muito, na guerra.

ADELAIDE

E você?

VIRGÍNIA

Eu ficava com raiva dele, por diminuir meu pai. Mas ficava feliz, por parecer com minha mãe.

Virgínia abre a bolsa, entrega a Adelaide um documento.

VIRGÍNIA

Veja isso.

ADELAIDE

O que é?

VIRGÍNIA

Minha ficha funcional. Veja a minha descrição. Cor: branca.

ADELAIDE

Por que está me mostrando?

VIRGÍNIA

Eu fico pensando: por que eu não reclamei?

ADELAIDE

O que você sentiu quando leu?

VIRGÍNIA

Fiquei feliz. Por quê?

ADELAIDE

Você nem imagina?

VIRGÍNIA

Imagino, claro, eu sei porquê. Foi o que eu sempre quis. Como não seria? Hoje eu penso... Por que eu não pedi para que corrigissem? Por que eu fiquei feliz com um documento dizendo que eu sou algo que eu não sou? Como eu posso ser feliz sem me aceitar como eu sou?

Pausa.

ADELAIDE

Você diz.. "Tinha vergonha"... "Tinha", no passado. Mas diz "como posso ser feliz...". "Posso ser", no presente.

VIRGÍNIA

Neste caso, não se prenda tanto às palavras, é só uma maneira de narrar, um procedimento narrativo.

ADELAIDE

Por favor, me explique.

Virgínia respira, se acalma.

VIRGÍNIA

Eu conto uma história do passado, algo que aconteceu comigo, mas uso, eventualmente, o tempo presente, para dar vida à história.

ADELAIDE

Dar vida.

VIRGÍNIA

Eu conto a você uma história, eu digo: "Estava lá e pensei: "Como vou sair dessa?" Eu estava, eu pensei, passado. "Como eu vou", é futuro. É o narrador em dois tempos, que se transporta para o passado, entendeu?

ADELAIDE

Sim. "Eventualmente." Schließlich (ch-lis-lirr) Não sempre, às vezes. Por quê? Você diz que "tinha" vergonha de ser o que é, como se hoje não tivesse mais vergonha de ser negra, escolhe o tempo passado. E então você diz que não "pode ser feliz sem aceitar ser quem você é", escolhe o tempo presente. Por quê? O que a impede de ser feliz, hoje? O que, hoje, impede você de ser o que você quer ser?

Virgínia, no divã, em silêncio.

[PRET] CENA 76 - RÁDIO

[A MATÉRIA DOS SONHOS]

Virgínia ao microfone de uma rádio.

VIRGÍNIA

"Nós somos feitos da matéria dos sonhos".

[AZUL] CENA 77 - ESTÚDIO

[QUANDO FUGIR?]

ADELAIDE

Nós compramos as passagens da Alemanha para o Brasil em julho de 1936. Tinha lugar num navio partindo em agosto, mas nós compramos as passagens para setembro, porque as meninas tinha provas na escola, o ano letivo terminava em setembro. Vendo hoje o que aconteceu, a guerra, os campos de extermínio, milhões de mortes, parece absurdo ter arriscado a vida por provas de escola.

[PRET] CENA 78 - ARQUIVO

[SATANÁS NEGRO 78-79]

Filmes, fotos.

<https://eclecticlightdotcom.files.wordpress.com/2019/01/veronesebstmichaelvanquishingdevil.jpg>

<https://eclecticlightdotcom.files.wordpress.com/2019/02/memlinglastjudgement.jpg>

[PRET] CENA 79 - SALA DE AULA

Virgínia dá aula, lê fichas.

VIRGÍNIA

Caso número 9. Eu me interessava em ter notas boas, me davam direito a um prêmio, uma roupinha, um brinquedo. Eu fiz a primeira comunhão aos 12 anos. Vovó levavame à igreja, durante a pregação eu dormia. Mas lá me impressionava muito um santo com uma espada, pisando a cabeça de um satanás negro. Depois de moça, voltei aquela igreja para ver o quadro que tanto me impressionava na infância, era sempre perto dele que a minha avó sentava. Eu fugia dela, por medo, sem dizer o motivo. Ela era enérgica, nos castigava. O satanás negro prendia meu olhar.

[AZUL] CENA 80 - ESTÚDIO  
[ÓDIO É CONTAGIOSO]

ADELAIDE

Em novembro de 1938, um adolescente judeu que morava em Paris, Herschel Grynszpan, de 17 anos, viu os pais serem presos e mandados para a morte num campo de concentração. Ele comprou um revólver, aprendeu como funcionava, foi a Embaixada da Alemanha e matou o primeiro funcionário alemão que encontrou. Ao saber da notícia, em Berlim, os judeus trancaram-se em casa, meus primos, amigos. Duas da manhã, as ruas se encheram de tochas. Casas, hospitais, lojas e escolas de judeus foram saqueados, incendiados. Mais de 600 suicídios. O ódio é uma doença contagiosa.

[PRET] CENA 81 - ARQUIVO

Filmes, fotos.

Fotos, filmes, arquivos.

[VERM] CENA 82 - CONSULTÓRIO 82 SÃO PAULO, 1944  
[TRABALHANDO JUNTAS]

Virgínia e Adelaide trabalham sentadas no chão ao redor da mesa de centro.

VIRGÍNIA

Não há como vencer a morte, mas há como adiá-la, com a ciência, torná-la melhor, mais justa, com educação.

ADELAIDE

E com a psicanálise também.

VIRGÍNIA

Mas não se pode tratar a humanidade indivíduo por indivíduo, um a um. É impossível, é muito caro.

ADELAIDE

Há experiências de análise de grupo.

VIRGÍNIA

Ótimo, mas é pouco. A psicanálise tem que ser democratizada, não dá para colocar cada um num divã.

ADELAIDE

Quem sabe nos saímos as duas pelas calçadas, pregando a psicanálise, batendo palmas na frente das casas... "Boa tarde! Tem um minuto para a palavra de Freud?"

VIRGÍNIA

(rindo) Boa ideia! Um processo um pouco lento, a cidade é grande... Mas nós podemos usar o jornal, o rádio.

ADELAIDE

Um programa de rádio sobre psicanálise.

VIRGÍNIA

Por que não?

ADELAIDE

Você quer curar a humanidade.

VIRGÍNIA

Começando por mim. E pelos meus dois pacientes.

ADELAIDE

Outros virão.

VIRGÍNIA

Um não tem como me pagar, no momento. Mas o outro tem, já pude pagar o meu empréstimo, um alívio.

ADELAIDE

Que bom.

VIRGÍNIA

Um empréstimo que eu fiz para pagar você!

ADELAIDE

Melhor ainda! E você acha que você foi um bom investimento?

VIRGÍNIA

Acho, muito bom.

ADELAIDE

Está feliz?

VIRGÍNIA

Isso não. A nossa felicidade, a nossa saúde mental, depende da ação, da nossa capacidade de colocar energias em sentimentos, em pensamentos e atos construtivos, ações que nos realizam, pessoalmente, claro, mas que também contribuam para as realizações do nosso grupo social, da nossa família, dos que estão perto de nós. Para mudar realmente as coisas, só com políticas públicas de saúde, inclusive de saúde mental. Política!

ADELAIDE

Você já percebeu que sempre que nos aproximamos de algo que incomoda você, você esquece de você e pensa nos outros? Pensa em política?

VIRGÍNIA

Eu não esqueço de mim. Eu continuo me analisando com você, mas agora eu vejo nos meus pacientes, negros, que eles não teriam muitos dos problemas que têm se fossem brancos. Ou se não morassem num país racista.

ADELAIDE

Isso não existe. Não prometa a eles que vai mudar o país ou o mundo. Você pode ajudá-los a enfrentar o racismo de uma forma mais saudável.

VIRGÍNIA

Será que eu quero isso? Talvez não seja saudável ser feliz em meio à infelicidade.

[VERD] CENA 83 - ESTÚDIO

[QUEM É JUDEU?]

Gráfico binário

(Leis de Nuremberg)

ADELAIDE

O estado alemão proclamou ter direito de decidir com quem você podia ter relações sexuais. A Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemães proibiu

casamentos e relações sexuais entre judeus e não judeus, e tirou dos judeus a cidadania alemã. A lei continha uma questão insolúvel: quem era judeu e quem não era?

[VERD] CENA 84 - ARQUIVO

Gráfico fractal

Fotos, ilustrações e filmes de arquivo.

[VERD] CENA 85 - ESTÚDIO

[CENSO 85-87]

Gráfico fractal

Virgínia fala diretamente à câmera.

VIRGÍNIA

Hoje o censo classifica um brasileiro como branco, preto, pardo, amarelo ou indígena, são as cinco opções da pesquisa.

[VERD] CENA 86 - ARQUIVO

(Eliminada)

[VERD] CENA 87 - ESTÚDIO

Palheta de cores, uma cor por palavra, mosaico fractal.

Virgínia e Adelaide falam diretamente à câmera.

As diferentes tomadas de uma mesma fala se multiplicam, em muitos rostos de Virgínia e Adelaide.

VIRGÍNIA

Quando era o entrevistado quem definia a sua cor, com suas próprias palavras, a pesquisa revelou a existência de mais de 140 cores. Acastanhada, agalegada...

ADELAIDE

Alva.

VIRGÍNIA

Alva escura. Alvarenta.

ADELAIDE

Alva-rosada, alvinha, amarela, amarelada.

VIRGÍNIA

Amarela-queimada, amorenada.

ADELAIDE

Avermelhada.

VIRGÍNIA

Azul, azul-marinho, baiano.

ADELAIDE

Bem branca, bem clara.

VIRGÍNIA

Bem morena.

ADELAIDE

Branca. Branca-melada.

VIRGÍNIA

Branca-morena.

ADELAIDE

Branca-pálida.

VIRGÍNIA

Branca-queimada.

ADELAIDE

Branquiça. Branquinha.

VIRGÍNIA

Bronze, bronzeada. Bugre, burro quando foge, cabocla, cabo-verde, café.

ADELAIDE

Café com leite.

VIRGÍNIA

Canela, castanha, chocolate.

ADELAIDE

Clara, clarinha.

VIRGÍNIA

Cobre, crioula. Escura, escurinha, fogoió. Galega. Jambo.

ADELAIDE

Loira, loira-clara, lourinha.

VIRGÍNIA

Marrom, meio-branca, meio-morena, meio-preta.

ADELAIDE  
Mestiça. Mista.

VIRGÍNIA  
Morena. Morena bem chegada.

Morenã, morena roxa, moreninha.

ADELAIDE  
Mulata, mulatinha.

VIRGÍNIA  
Negra. Negrinha.

ADELAIDE  
Pálida.

VIRGÍNIA  
Paraíba, parda.

ADELAIDE  
Polaca.

VIRGÍNIA  
Preta. Pretinha.

ADELAIDE  
Puxa pra branca.

VIRGÍNIA  
Quase negra. Queimada de praia, de sol.

ADELAIDE  
Rosa, ruiva, russa.

VIRGÍNIA  
Sapitada. Sarará. Tostada.

ADELAIDE  
Trigo.

VIRGÍNIA  
Turva.

ADELAIDE  
Verde.

VIRGÍNIA  
Vermelha.

[PRET] CENA 88 - AUDITÓRIO  
[ARENDT]

Adelaide dá uma palestra.

ADELAIDE

(lendo) "Não se trata mais do fato de que olhos azuis, cabelos louros e um metro e setenta de altura sejam garantias de qualidades superiores, mas sim de que se possa organizar pessoas com estas ou outras características até o ponto em que ninguém mais se lembre se esta diferenciação faz sentido ou não."  
Hannah Arendt.

[VERM] CENA 89 - ESTÚDIO DE RÁDIO  
[NOSSO MUNDO MENTAL]

No estúdio de rádio, Virgínia escuta os atores de "Nosso mundo Mental". Adelaide escuta o programa. Arquivo.

Programa de rádio.

01. Faixa 2.mp3 (trilha)

ATOR, IRRITADO

Tire o cigarro da boca! O que o senhor está pensando? Isso aqui não é sua casa! Eu sou seu chefe! Eu sou seu chefe!

(trilha)

ATRIZ, CHOROSA

Não adianta dizer que não! Eu sei que você me engana com outra. Eu sei! Eu sei que você me engana!

(trilha)

ATOR, DEPRIMIDO

Ninguém me ajuda, ninguém me compreende. Estão todos contra mim.

(trilha)

LOCUTOR

A Rádio Excelsior de São Paulo apresenta pela primeira vez, "O nosso mundo mental". "O nosso mundo mental" a partir desta data, irá ao ar todas as quintas-feiras, às 21 horas e 30. A direção deste programa foi confiada a dona Virgínia Bicudo, do Serviço de Higiene Mental do Estado de São Paulo.

(trilha)

ATRIZ

Dona Virgínia, fui eu quem lhe mandou aquela carta. Lembra-se? Aquela carta sobre problemas íntimos. A senhora referiu-se a um programa de rádio...

VIRGÍNIA

Lembro-me sim. O programa é este que inauguramos hoje. "O nosso mundo mental". Neste programa, uma vez por semana, nós procuraremos contribuir para que as criaturas se compreendam melhor a si próprias e sejam mais felizes.

[VERM] CENA 89B - CASA DE ADELAIDE

Adelaide escuta o programa de rádio.

[PRET] CENA 90 - ESTUDIO

[PRIMEIRA CARTA DE ADELAIDE A VIRGÍNIA]

Carta original (no telão e projetada em negativo sobre as duas atrizes).

Adelaide escreve. Virgínia lê.

ADELAIDE

Minha querida, não trabalhe demais! Você não imagina como te admiro por tudo que está fazendo! Você é realmente uma moça extraordinária em muitos sentidos. Mas eu não te quero bem por estas coisas científicas ou profissionais. Eu gosto de você por causa da sua sensibilidade e delicadeza, pela arte com que sabe ser amiga e pelo afeto profundo que está sempre vivo em você! Lembranças e um beijo de sua. Adi.

[VERM] CENA 91 - CONSULTÓRIO

[DESPEDIDA]

SÃO PAULO, 1954

Virgínia caminha de um lado para o outro. Nervosa. Adelaide está sentada fumando.

VIRGÍNIA

Escute! Olha só! (lendo um livro) "Não pensem que seja necessária uma especial cultura médica para acompanhar minha exposição. Caminharemos por algum tempo ao lado dos médicos, mas logo deles nos afastaremos, seguindo um caminho original." (mostra

o livro) São palavras do doutor Sigmund Freud. Que eles veneram! Idolatram!

ADELAIDE

Embora alguns nunca tenham lido, ou leram em más traduções.

VIRGÍNIA

Eles me vaiaram. Gritaram "Fora!" "Absurdo!" "Psicanalista tem que ser médico!" Não dizem, na minha frente, que não me aceitam porque eu sou mulher. E negra. Não há nenhum negro ou negra além de mim em todo o Congresso Latino Americano de Saúde Mental. E no próximo, se depender dos meus colegas, eu nem estarei lá, dizem... porque não sou médica.

ADELAIDE

Isto não foi decidido, ainda.

ADELAIDE VIRGÍNIA

(lendo) "recomenda o princípio legal segundo o qual a prática de qualquer modalidade de psicoterapia por não diplomados em medicina é infração penal e, como tal, passível de punição". Eu posso até ser presa, como charlatã.

ADELAIDE

"Recomenda", é o que está dito. Não foi aprovado, ainda.

VIRGÍNIA

Mas será. Adelaide [Adi], eu trabalhei quatro anos nesta pesquisa, com 30 famílias. Eles gritaram "Charlatã!". Meus colegas. Quer saber? Eu não conseguia me erguer da cadeira. Todos foram saindo, eu fiquei, tinha medo da perna não segurar, se eu me levantasse. Uma senhora da limpeza se aproximou, perguntou se eu estava bem, me ajudou, me deu água. Eu consegui me levantar, fui até o banheiro. Ouvi alguém falando "Aquela negrinha". Ainda, sempre. Nada mudou.

ADELAIDE

Você não mudou?

VIRGÍNIA

Não o suficiente. Eu tive vontade de morrer, nunca tinha sentido isso. Queria ir para casa e morrer. Fui para casa, não morri. Mas cansei. Se não dá para mudar o país, eu vou mudar de país. Vou embora do Brasil.

ADELAIDE

É uma decisão?

VIRGÍNIA  
Sim.

ADELAIDE  
Já sabe para onde?

VIRGÍNIA  
Para Londres.

ADELAIDE  
E a análise?

VIRGÍNIA  
Pois é. Só o que me prende ao Brasil é você.

ADELAIDE  
Pelo que eu estou vendo, não mais.

VIRGÍNIA  
Eu tenho que... mudar. "O que está vivo, muda".  
Muita coisa nova aconteceu. Eu preciso pensar em  
outras coisas além do fato de ser uma mulher negra.

ADELAIDE  
E não pode fazer isso aqui.

VIRGÍNIA  
Você, mais do que ninguém, sabe o quanto eu tentei.  
No Brasil, não estou conseguindo, não consegui, não  
consigo. Desculpa.

ADELAIDE  
Você não tem que me pedir desculpas, nunca, por  
nada.

VIRGÍNIA  
Você me ensinou: cada um sabe a hora de lutar ou de  
correr.

ADELAIDE  
Siga seu instinto.

VIRGÍNIA  
Eu lhe escrevo, assim que me estabelecer. Não sei  
quando, nem se eu volto. Posso lhe dar um abraço?

ADELAIDE  
Claro.

Elas se abraçam.

VIRGÍNIA  
Obrigada por tudo.

ADELAIDE  
Obrigada a você.

[PRET] CENA 93 - AUDITÓRIO

Eliminada.

[VERD] CENA 94 - ESTÚDIO

Adelaide fala para a câmera.

ADELAIDE  
Artemidoro de Daldis viveu no século 2 depois de Cristo. Ele nasceu em Éfeso, na Lídia, e escreveu um conjunto de 5 livros, chamado Oneirokrítica, o mais antigo texto sobre análise dos sonhos que chegou até nós.

Virgínia fala para a câmera.

VIRGÍNIA  
Artemidoro listou 95 sonhos que foram relatados a ele e também o desfecho da história pessoal dos homens, mulheres e crianças que os sonharam. Criou assim um inventário da imaginação dos nossos antepassados romanos.

[VERD] CENA 95 - ESTÚDIO

ADELAIDE  
Os sonhos selecionados por Artemidoro, com seus finais felizes ou infelizes, revelam que os desejos e temores dos nossos antepassados, há dois mil anos, não eram muito diferentes dos nossos.

VIRGÍNIA  
Entre os finais infelizes, aparecem casar contra a vontade, ser vítima de calúnia, ser expulso de casa, perder os bens, a morte do amante, ser vítima de adultério, ser picado por uma cobra...

ADELAIDE  
Ter uma filha seduzida, o incesto com o filho ou com a irmã, ficar cego, ser condenado pela lei, ser derrotado numa competição esportiva, adoecer...

VIRGÍNIA

E os sonhos infelizes mais comuns desde sempre:  
morrer ou perder um filho.

ADELAIDE

Entre os finais felizes estão vencer uma causa  
jurídica, ser absolvido de uma acusação de crime,  
receber uma herança...

VIRGÍNIA

Ser escravizado e recuperar a liberdade, tornar-se  
sacerdote, ver o casamento dos filhos...

ADELAIDE

Ver um filho vencer uma competição, ser promovido,  
ter filhos, vencer uma competição, sobreviver a um  
navio, ver os filhos tornando-se famosos...

VIRGÍNIA

E o final feliz mais comum: curar-se de uma doença e  
vencer a morte.

[VERD] CENA 96 - ARQUIVO

Ilustrações das falas de Adelaide e Virgínia: fotos, gravuras e  
filmes.

VIRGÍNIA

Romanos sonhavam com tigelas, espinhos, codornas,  
galos de briga.

ADELAIDE

Formigas aladas, cebolas, cânhamo, camundongos,  
crocodilos, gatos, corujas.

VIRGÍNIA

Também sonhavam com roubar, mentir, brigar, odiar e  
ser odiado, vestir-se de modo ridículo, ficar  
bêbado, ficar louco, ficar com medo.

ADELAIDE

Sonhavam com mercados, teatros, ruas, jardins.

VIRGÍNIA

Com estátuas de bronze que se movem.

ADELAIDE

Coletores de impostos.

VIRGÍNIA

Mendigos.

ADELAIDE

Ver alguém ser morto.

VIRGÍNIA  
Tornar-se um Deus.

ADELAIDE  
Ficar doente.

VIRGÍNIA  
Ser sacrificado e morto.

ADELAIDE  
Andar sobre o mar.

VIRGÍNIA  
Os ancestrais mortos.

ADELAIDE  
Uma dívida.

VIRGÍNIA  
Relógios.

ADELAIDE  
Uma chave.

VIRGÍNIA  
Uma carta.

[VERD] CENA 92 - ESTUDIO  
[SEGUNDA CARTA DE ADELAIDE A VIRGÍNIA]

Carta original (no telão e projetada em negativo sobre as duas atrizes).

Adelaide diz a sua carta. (no telão, a carta) Virgínia escuta.

ADELAIDE  
Minha querida Virgínia / Sua carta que recebi hoje me comoveu muito e também me deu muito prazer por seu calor e sentimento de amizade. (...) O trabalho analítico afeta muito o analista (...) ele deveria se submeter de vez enquanto a mais um tempo de análise. Comigo, meu bem, você sabe que isso não seria possível por causa da nossa amizade tão íntima. (...) Às vezes sinto que em nenhum papel que assumi na vida: como esposa, como amiga e amante e como mãe, como analista também!, eu sou aquilo que queria e deveria ser: completa. Mas isso tudo é problema meu, com que eu não deveria carregar você. Desculpe o meu egoísmo! Mas você é única pessoa com quem posso falar francamente sobre os meus

problemas, que me inquietam às vezes tão profundamente. Amanhã você vai defender a sua tese e eu não posso assistir! Nos meus pensamentos vou acompanhar você e torcer para o seu bom êxito! Você é tão inteligente tão dedicada no trabalho que não pode falhar! Com muita saudade um abraço da tua. Adi.

[PRET] CENA 97 - AUDITÓRIO  
[CIÊNCIA]

Auditório. Virgínia fala ao microfone.

VIRGÍNIA  
A civilização atual está alicerçada sobre bases muito, muito antigas, os pilares inconscientes e míticos do absolutismo: a religião e a fé, a indústria bélica, o poder econômico e o poder político - e todos eles, cada um a sua maneira, se sobrepõem ao pensamento científico. (...)

[PRET] CENA 98 - SALA DE AULA  
[CABALA]

Adelaide.

ADELAIDE  
Baal Shem Tov, fundador do chassidismo, ensina que a transformação pode surgir de um encontro. "De cada ser humano surge uma luz que se eleva diretamente ao céu. E quando duas almas que estão destinadas a estar juntas se encontram, suas torrentes de luz fluem juntas, e uma única luz mais resplandecente brota dos seres".

[VERM] CENA 99 - CONSULTÓRIO (23.03.1960)  
[FINAL]

SÃO PAULO 1959

A porta se abre. Adelaide, PV Virgínia, Virgínia, PV Adelaide.

Virgínia e Adelaide se encontram, se abraçam. Virgínia está com o cabelo grande, preso por uma faixa colorida, com motivos africanos.

ADELAIDE  
Que prazer ver você.

Se abraçam longamente e beijam a mão uma da outra

VIRGÍNIA

Eu ia ligar, não tive tempo nenhum, desde que cheguei, arrumando a casa.

ADELAIDE

Cinco anos?

Virginia tira o casaco, larga no sofá, junto com a bolsa.

VIRGÍNIA

Quase seis. Você está igual!

ADELAIDE

Eu? Tenho rugas até no espírito! Já você está... diferente. Mais bonita.

Virginia senta, tira os sapatos, larga ao lado do sofá.

VIRGÍNIA

Mais feliz, deve ser isso. Londres tem de tudo, está fervendo.

Elas vão até a mesa, coberta com uma toalha plástica, há um vaso e tudo que é necessário para fazer um arranjo floral: flores, ramos com folhas, tesoura.

VIRGÍNIA

Posso ajudar?

ADELAIDE

Sim, vou pegar outra tesoura.

VIRGÍNIA

E como vai Ernest?

ADELAIDE (FQ)

Tudo bem. Levando.

Adelaide chega, entrega uma tesoura a Virgínia.

ADELAIDE

Corte estes ###, em diferentes tamanhos. Precisa ser caules longos, este vaso tem a boca um pouco estreita.

As duas trabalham, arrumando o arranjo, podando as flores e galhos com folhas.

VIRGÍNIA

Certo. E as meninas?

ADELAIDE

Mulheres. Esther está na faculdade. Lore pinta, cada vez melhor, está trabalhando com Volpi, em seu atelier.

VIRGÍNIA

Que beleza! Preciso ver isso, ontem... eram adolescentes!

ADELAIDE

E você ficou amiga da doutora Melanie Klein.

VIRGÍNIA

Amiga é exagero, ela dava um chá, uma vez por mês, com psicanalistas, eu era a única brasileira. Eu aprendi muito com ela, isso sim, especialmente sobre psicanálise infantil.

ADELAIDE

Então você agora é kleiniana. Traidora!

VIRGÍNIA

Não, isso de kleiniano ou freudiano comigo não cola! Lá tem estes dois grupos, nunca fiquei de um lado ou de outro.

ADELAIDE

Equilíbrio é quase sempre uma boa ideia.

VIRGÍNIA

Viu só? Aprendi a me defender de preconceito qualquer que seja. Se há preconceito, o novo não se aproxima, e não pode haver ciência. O preconceito é o avesso da ciência. Aprendi a ficar atenta aos pré-conceitos.

ADELAIDE

Eu li trabalhos da doutora Klein, são excelentes. Quer uma água?

VIRGINIA

Quero.

Adelaide sai, Virginia continua trabalhando.

VIRGINIA

Ela é muito inteligente. A última a sair de qualquer festa, ficava até 5 da manhã. Fazendo o quê? Fofocando, falando de todo mundo! Muito divertida.

ADELAIDE (FQ)

E agora? O que você quer fazer?

VIRGÍNIA

Trabalhar. E estudar, como sempre. Estou interessada na física quântica relacionada à psicanálise.

Adelaide entra, com a água, entrega a Virgínia.

ADELAIDE  
Como é?

VIRGÍNIA  
Reunir a dinâmica da física quântica com a da energia psíquica.

Virgínia bebe água, Adelaide volta a trabalhar no arranjo.

ADELAIDE  
Para mim você está falando grego, Sempre fui mal em física.

VIRGÍNIA  
Eu também não me interessava. Freud e Einstein trabalharam nisso, sabia?

Virginia larga o copo, volta a trabalhar arranjo.

ADELAIDE  
Freud e Einstein? Tem certeza que isto aconteceu? Este chá que vocês tomavam em Londres...

VIRGÍNIA  
Os átomos têm atração e repulsão, é o mesmo mecanismo da energia psíquica, que tem amor e ódio.

ADELAIDE  
Acho que agora é aquele momento do... "por exemplo..."

VIRGÍNIA  
Por exemplo, conflitos conjugais: é comum os casais dizerem "você não me ama tanto quanto eu te amo". Claro que não! Se amor for calor, é impossível dois seres amarem com a mesma intensidade. A entropia é a segunda lei do calor. Ela diz que é impossível a transmissão de calor do mais fraco para o mais forte. Essa exigência dos seres humanos, é impossível, é um desrespeito à entropia.

ADELAIDE  
Se o amor for calor... Só que o amor não é calor. E a lei da... empatia? O calor é uma via de mão única, o amor é uma via de mão dupla, quem dá, recebe. No amor, a lua também ilumina o sol. Por que não?

Terminam de arrumar o arranjo.

VIRGÍNIA  
Viu só? Ciência pode virar poesia.

ADELAIDE  
Ficou bonito.

VIRGINIA  
Muito! Está lindo!

ADELAIDE  
Vamos fazer um brinde, a sua volta.

VIRGÍNIA  
Agora!

Adelaide vai até o piano, pega cálices e uma garrafa de vinho do Porto num barzinho.

ADELAIDE  
É bom ver você assim.

VIRGÍNIA  
Assim como?

ADELAIDE  
Feliz.

Adelaide serve os cálices.

VIRGÍNIA  
Não sei se eu estou... feliz. Nem sei se quero ser inteiramente feliz, num país tão injusto, violento, racista, um país tão... infeliz. Isso não mudou. Ainda. Mas agora eu posso ser o que eu quero ser.

ADELAIDE  
É um começo. "O que está vivo, muda".

VIRGÍNIA  
"O que está vivo, muda".

Brindam.

VIRGÍNIA  
À ciência!

ADELAIDE  
E à poesia!

Bebem.

Adelaide larga o copo, senta ao piano.

ADELAIDE

E quer saber o que eu aprendi?

Adelaide começa tocar # "Chequerê" (Sinhô) ao piano.

ADELAIDE (canta)

Não calculas como sofre

O meu pobre coração!

Por faltar o teu carinho

Junto de meu violão!

VIRGÍNIA

E assim é tudo, enfim

Meu doce chequerê!

Mas, eu não me conformo

Viver longe de você!

VIRGÍNIA E ADELAIDE

(cantam juntas)

Vem depressa, sem demora!

Pra eu não mais viver em vão

Que as saudades já são tantas!

Dentro do meu coração

E assim é tudo, enfim

Meu doce chequerê!

Mas, eu não me conformo

Viver longe de você!

Fade.

CRÉDITOS FINAIS

xxx

Texto e Fotos de Virgínia Bicudo.

Virgínia Leone Bicudo (São Paulo, 1910 - 2003) foi socióloga, pesquisadora e a primeira psicanalista do Brasil. Foi também uma das primeiras professoras universitárias negras do país.

Em 1945, Virginia concluiu e apresentou a sua tese de mestrado, o primeiro trabalho acadêmico sobre o racismo no Brasil, e tornou-se membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Nos anos 50, mudou-se para Londres onde concluiu sua formação e conviveu com Melanie Klein e Wilfred Bion, que se tornaram seus correspondentes.

De volta ao Brasil, em 1962 foi eleita presidente do Instituto de Psicanálise, função que exerceu até 1975.

Virgínia escreveu por vários anos uma coluna de muito sucesso no jornal Folha da Manhã, "Nosso mundo mental", que se transformou num livro e num programa de rádio sobre psicanálise.

xxx

Texto e Fotos de Adelaide Koch.

Adelaide (Adelheid) Koch (Berlin, 1896 - São Paulo, 1980) foi uma médica e psicanalista alemã.

Era membro da Sociedade Psicanalítica de Berlin, analisada e formada pelo doutor Otto Fenichel, que por sua vez foi formado e analisado por Sigmund Freud. Adelaide era da terceira geração de psicanalistas.

Em 1936, fugindo da perseguição nazista aos judeus, Adelaide imigrou para o Brasil com seu marido e duas filhas, Esther e Eleonore, que se tornaria uma grande artista plástica.

Adelaide foi a primeira psicanalista no Brasil reconhecida pela Associação Internacional de Psicanálise, e uma das criadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Formou, além de Virgínia, a primeira turma de psicanalistas brasileiros: Durval Marcondes, Lygia Alcântara Amaral, Flávio Dias, Darcy Uchôa, Judith Andreucci, Frank Philips, José Nabantino Ramos, Henrique Mendes, Isaías Hessel Melsohn, Mário Yahan, Margareth Jones Gill.

Adelaide e Virgínia se conheceram em 1937. Juntas, fundaram e popularizaram a psicanálise no Brasil, quebrando barreiras e preconceitos.

Foram médica e paciente por 5 anos, colegas por mais de 30 anos, amigas a vida inteira.

Créditos equipe

TRILHA: CHEQUERÊ

Depois da trilha:

Som: um episódio de "Nosso Mundo Mental" com a voz de Virgínia.

VOZ DE VIRGÍNIA BICUDO

O programa é este que inauguramos hoje. "O nosso mundo mental". Neste programa, uma vez por semana, nós procuraremos contribuir para que as criaturas se compreendam melhor a si próprias e sejam mais felizes.

FIM

\*\*\*\*\*

(c) Jorge Furtado, 2024  
Casa de Cinema de Porto Alegre  
<https://www.casacinepoa.com.br>